Enzo Hubner Moura de Andrade

Ensaio sobre "O Banquete" de Platão

Vitória/ES
2026

Enzo Hubner Moura de Andrade

Ensaio sobre "O Banquete" de Platão

Texto elaborado para organização, sistematização e consolidação de conteúdos estudados.

Vitória/ES
2026

Resumo

Esse trabalho tem por objetivo consolidar e estruturar de forma breve os conceitos expostos em ”O Banquete” de Platão. Além de conceituar e delimitar a ascêndencia do conceito de Eros exposto por Platão, este trabalho tem por objetivo aplicar os contextos históricos da forma em que for possível. Entretanto, não se trata de um trabalho acadêmico nos moldes formais, mas de um esforço pessoal de síntese e compreensão, válido como introdução à obra e como registro dos aspectos considerados mais relevantes ao estudo do autor.

Conteúdo

0.1 Introdução 4
0.2 Desenvolvimento 4
0.2.1 Fedro, amor como virtude 5
0.2.2 Pausânias, amor como dualidade 5
0.2.3 Erixímaco, amor como harmonia 5
0.2.4 Aristófanes, amor como princípio 5
0.2.5 Agatão, amor como belo 6
0.2.6 Sócrates, amor como Daimon 6
0.2.7 Alcíbades, amor à Socrates 6
0.3 Considerações Finais 7

0.1 Introdução

Na obra "O Banquete", Platão usa do diálogo como elemento narrativo para conduzir o leitor ao produto final da sua filosofia, utilizando do método dialético. Assim, o discurso utiliza do amor(ἔρως, éros) como elemento central e indutivo à ascendencia ascética - místico - (Ἀνάβασις, anabásis) da consciência ao mundo inteligivel, tratando da abstração das formas de amar de forma progressiva. Assim, Platão constroi o cenário da obra em um (συμπόσιον, symposium) um banquete comum a época como forma de instituição de socialização masculina, envolvendo bebida, discussões filosóficas e em algumas ocasiões, expressões artísticas. Esse âmbito social se põe na obra como um microcosmo da pólis grega, interpretando de forma propositalal a construção social e cultural grega (παιδεία, Paideia). A Paideia, para o grego, vai além de uma construção educacional regular como temos no mundo hodierno, mas aglutina de forma indissociável aspéctos de formação cultura e de formação cívica como a leitura e instrospecção das obras de Homero como forma não de aprendizado literário, mas formação de cárater. Na obra, de forma bem colocada, a estrutra cultural é colocada de forma concisa e eficiente, ao falar de ἔρως, a comum relação de amado e amante é posta em discussão. Assim, é necessário fugir do que para o historiador francês Lucien Febvre, é o "pecado dos pecados", o anacronismo. No mundo antigo, a relação de um homem com um outro mais novo era uma relação de formação de caráter e muito bem vista pela sociedade, dessa forma, o amado não era somente inserido em uma relação erótica com o amante, mas era devidamente conquistado por ele e, de forma oposta, a resistência a essa conquista era símbolo de consolidação. Sócrates (Platão o coloca como personagem para alcançar o fim da filosofia proposta) tem um diálogo com seu amado Alcíbades e mostra um adicional à relação de amor, a essência de sua filosofia, de construção de ideias e reflexão do ser a partir da dialética.

0.2 Desenvolvimento

Côntemporaneamente, interpretamos ἔρως com impulso físico e estritamente estético, salvo poucas abstrações que a modernidade ainda mantém, como a relação maternal que ainda se comporta como algo místico no imaginário popular. Entretanto, nessa obra ἔρως é retratado como princípio de tensão anágogica, ou seja, que encaminha do sentido literal para o lírico. Perceba, portanto, que ἔρως é elemento transitório de caráter ontológico (investigação teórica do ser) entre a carência e a plenitude, o mortal e o divino, atuando como caminho da alma do sensível e inteligível. Assim, o amor é impulso à epistemologia da reminiscência(ἀνάμνησις, anámnesis), teoria a qual implica que o conhecimento não é adquirido, mas sim a recordação do que já esta na alma. Platão estabelece que ἔρως se inicia pela aptidão a corpos belos depois, percebe-se que o belo perdura em mais de um corpo e, portanto, nos leva a abstrair a beleza ao interior, a alma. Posteriormente, é

levado às instituições e a ordem natural, a qual culmina no penultimo estágio: a adoração do saber. E, ao final, é contemplado o belo por natureza, que é unicamente divino. Dessa forma, ἔρως nos leva do serviço mortal e pecador ao apreço do Divino e do inteligível.

0.2.1 Fedro, amor como virtude

O primeiro a proferir o discuro é Fedro, ele assume uma postura inicial e mais básica sobre ἔρως. Fedro estabelece ἔρως como o mais antigo dos deuses e um incentivo a coragem e a virtude, utilizando-se da história mitológica de Orfeu para aludir a como o amor fez com que ele, apaixonado, toma-se uma postura de enfrentar Hades e Perséfone. De mesma maneira, cita a ideia de um exército de amantes ser implácavel, pois ninguém permitira perder frente a seu amor. Dessa forma, em seu discurso, ἔρως é unicamente bom e glorioso.

0.2.2 Pausânias, amor como dualidade

Em seguimento, Pausânias contrapõe Fedro ao dizer que ἔρως não pode ser unicamente bom. O discurso se constrói a partir da dualidade mitológica de Afrodite (deusa do amor e, portanto, intimamente ligada a ἔρως) em que estabelece o ἔρως da Afrodite Pândemia que é vulgar, a qual os homens vis amam e, de forma oposta, o ἔρως da Afrodite Urânia que não participa do feminino e não participa dos excessos. Assim, tentando validar que nenhuma ação é boa ou má mas toma-se por um ou outra dependendo da influência de ἔρως, ele estabele uma anologia. Se um amado gratifica um amante pensando que ele é virtuoso mas se decepciona, esse engano permanece belo, por procedência de um ἔρως Urânio. Portanto, absolutamente tudo é belo desde que se faça por virtude.

0.2.3 Erixímaco, amor como harmonia

Erixímaco, médico, permanece no conceito dual mas abstrai ἔρως para todas as coisas como instrumento regulador, e não somente as ações humanas. Assim ele indica as dualidades do mundo como influência de Eros, o amargo e o doce, o frio e o calor, o agudo e o grave estes os quais, sem consonância entre ambos, seria impossível fazer a música harmoniosa, esse é posto por ele como a função de ἔρως.

0.2.4 Aristófanes, amor como princípio

Aristófanes de forma breve, complementa o discurso de Erixímaco ao citar um conto mitológico. De acordo com ele, no princípio os humanos eram andrógenos e arrogantes, assim por decisão de Zeus nos foi separado em dois, portanto, o ἔρως que era completo passa a ser dual, homem e mulher. Dessa forma, por princípio, buscamos a completude,

o homem buscando a mulher e a mulher ao homem com fim de alcançar a completude de sua natureza e por consequência, louvar ἔρως.

0.2.5 Agatão, amor como belo

Agatão acusa os que o antecedem a apenas citar os benefícios de ἔρως aos homens, e não louvar o deus. Portanto, ele contrapõe Fedro dizendo que ἔρως não é o mais velho e sim o mais novo entre os deus, afinal é ágil e sempre anda em companhia com jovens. Ele diz que por príncipio, os deuses permaneciam em estado de guerra mas, após o nascimento de ἔρως, elas cessaram. Portanto, resposável pelas virtudes, em razão da beleza, ἔρως é responsável pelas artes e pelo belo, ele diz que Apolo só teria aprendido a arte do arco por influnecia de ἔρως. Dessa maneira se põe como o melhor guia e o mais belo.

0.2.6 Sócrates, amor como Daimon

Sócrates consolida seu discurso com base no que aprendeu com a sarcedotisa Diotima de Mantineia e, para isso, utiliza do método da dialética para contrapor Agatão, seu antecessor, e chegar no fim da filosofia de Diotima. O discurso se estabelece em ἔρως ser o amor de algo, já que não pode ser amor de nada, entretanto, quem possui aquilo que deseja e ama, não deseja e ama de fato, mas sim o desejo de perpetuar o que possui, portanto, ainda é um desejo futuro. Sendo assim, ἔρως é o desejo do que não se tem, seja no tempo presente ou no tempo futuro. Então, ἔρως está no que é carente, no que não se possui, no feio e, se as coisas boas estão no belo, ἔρως também é carente do bem. Entretanto, é necessário temperança para compreender que o que não é belo não é por princípio feio, assim como quem não é sábio não é necessariamente ignorante, exite um fator intermediário. Sócrates diz que Diotima estabelece que ἔρως é um Daimon (δαίμων, daimon) afinal, tudo que é daimônico está entre o divino e mortal, sendo sua função interceder entre ambos. Por fim, o amor é o desejo de que o bem pertença a si pra sempre pois é da natureza mortal buscar a imortalidade. O impulso erótico de ἔρως é natural, aqueles que estão grávidos do corpo voltam-se as mulher e aqueles que estão grávidos da alma voltam-se as virtudes.

0.2.7 Alcíbades, amor à Socrates

Aqui me ausento de explicações por não ter me afetado de qualquer forma em minha posição de ignorância. Entretanto, para não desprezar, comento de forma objetiva sobre o papel do discurso de Alcíbades. Este personagem entra bebâdo e atrasado no symposium, esse elemento de narrativa é comum como uma inserção ruidosa e satírica das comitivas dionísicas, portanto interrompe os discursos temperantes e contrapôe trazendo Sócrates como elemento de amor verdadeiro.

0.3 Considerações Finais

O discurso se finaliza de forma disruptiva mas trazendo ἔρως como ponto central e concluindo assim a abstração das formas de amar pretendida por Platão. O essencial da obra está em compreender como ἔρως se manifesta em múltiplas etapas e como o temperamento humano se conforma em cada uma delas: parte-se do amor carnal, eleva-se à busca da sabedoria e culmina-se no amor ao belo em si, finalidade última de ἔρως.

Referências

O Banquete de Platão. Local: Logos Editora, 2025.
ABC de Filosofia - O Banquete. Local: Logos Editora, 2025.